

O que mais tenho ouvido, e constitui um tema de comemoração e de ufanismo, é o fato de que a crise política brasileira, profunda e esparramada, não conseguiu abalar as estruturas do regime, não existem ameaças institucionais e, como consequência, a economia mantém-se firme como as colunas naturais do rochedo de Gibraltar, que desapareceram como de Hércules, colosso e maravilha, limites do mundo.

Todos tiram conclusões muito paradigmáticas como "a nossa democracia amadureceu e consolidou-se". Fico um pouco receoso. As pesquisas não são nesse sentido. O povo parece ver cada vez menos na democracia a solução para seus problemas. E é muito simples falar só em "democracia". As palavras, como tudo, nascem, vivem, envelhecem, trocam de temperamento e de feição. Democracia é um termo que mudou muito e não é o que sempre achávamos significar. Palavra grega, governo do povo. A chamada democracia clássica não era do povo nem clássica, mas dos homens e só destes, sem as mulheres, discriminadas. Passou por muitas adjetivações e significações, cada uma a seu

# Gibraltar e a crise do mensalão



JOSÉ SARNEY

Senador do Amapá pelo PMDB,  
foi presidente da República

modo e circunstância, para justificar este ou aquele regime ou aventura ideológica.

Tocqueville, no seu famoso tratado sobre a democracia americana, a viu como a busca da igualdade social. Marx não se conformava muito com a regra de a cada cidadão um voto. Da fórmula consagrada por Stuart Mill — e que passou a ser francesa — do governo da maioria com o *esprit de minorité*, até a conquista do voto das mulheres, muita água rolou debaixo da ponte.

Hoje, o conceito de democracia foi consolidado como o de um governo de liberdades, que surgiu depois da Segunda Guerra Mundial. A minha geração

corresponde esse modo de ver e crer. Na América Latina, essa visão começava pela construção das instituições, do direito de votar, democracia formal.

Nessa acepção, somos exemplares. Já fizemos o impeachment de um presidente, centenas de milhares de greves ocorrem sem repressão, temos uma imprensa livre e forte, amplo clima de direitos civis e liberdade.

Serão esses pilares que fazem a crise atual não afetar as instituições? Minha opinião é que há um "mas" a ser ressaltado. Entre 85 e 90 fez-se um programa exitoso de profissionalização das Forças Armadas e elas voltaram aos quartéis. Nossas crises der-

rubavam tudo porque os militares eram os árbitros da vida política. Sem o militarismo, isto é, a agregação política ao poder militar, a democracia digere as suas crises. Todos estamos submetidos ao poder civil e os militares ao estrito dever de garantir os poderes constitucionais. As chamadas "vivandeiras de quartéis" não têm mais portas onde bater: estão fechadas. Por isso devemos constatar que a democracia funciona com Forças Armadas fortes e respeitadas, como garantia da estabilidade. Daí a necessidade de tratá-las com prestígio e dar-lhes as condições de vida necessárias ao exercício de sua alta missão. Acabar com esse ranço de vê-las de forma preconceituosa.

As estruturas políticas não têm as vulnerabilidades do passado, e assim, sem perigo, a economia funciona sem abalos. O Brasil deu um salto gigantesco na qualidade de suas instituições, o maior deles a absoluta dedicação das Forças Armadas ao desempenho de suas atribuições constitucionais.

Assim elas se comportaram em 92 e agora em 2005. Por isso o mensalão não derrubou as colunas de Hércules.